Continuidade e Mudança: pesquisas na vertente ocidental da Serra do Cabral, Minas Gerais

Ayala Santos Pessôa*

Paulo Roberto Gomes Seda

Resumo:

Marc Bloch, em sua “**Apologia da História**”, reflete a posição desta disciplina como um jogo no qual temas do presente condicionam e delimitam o retorno ao passado. Essa mesma visão crítica era direcionada para a análise de documentos, entendidos como um vestígio que seria condicionado de acordo com as questões que os homens lhes atribuíam para analisá-los. Nesse sentido, faz-se crucial uma interdisciplinaridade entre a Arqueologia e a História, fundamental para o estudo das sociedades indígenas antigas, normalmente marginalizadas na historiografia tradicional. Este trabalho visa identificar a importância da análise da pintura rupestre para a compreensão do comportamento humano não no sentido da comparação para o entendimento dos seus significados, mas com o objetivo da organização da mensagem.

Palavras-Chaves: Arte Rupestre, Serra do Cabral e Arqueologia.

Os primeiros relatos de Arte Rupestre Brasileira parecem ser encontrados no “Diálogo das Grandezas do Brasil”, havendo, portanto, registros desta manifestação desde pelo menos 1588. Muitos arqueólogos, hoje, voltam seu interesse para esse vestígio das populações antigas do Brasil: as pinturas e gravações rupestres. Nesse sentido, destaca-se a região da Serra do Cabral, em Minas Gerais, onde se desenvolve o Projeto de Pesquisas Arqueológicas Serra do Cabral, desde 1990, através de convênio entre o Programa de Estudos da Pré-História Brasileira/DHIS/UERJ e o Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB), onde são realizadas as análises de todo material trazido dos trabalhos de campo. Nesse sentido, se busca a possibilidade de interdisciplinaridade entre a História e a Arqueologia, fundamental no estudo das sociedades indígenas pré-coloniais, normalmente marginalizadas na historiografia tradicional. É importante levar a população a desenvolver uma consciência de continuidade generacional e cultural e, nesse sentido, o manuseio dos bens arqueológicos é um destacável instrumento, por ser considerado uma herança de gerações anteriores que deve ser preservado para que não se perca, sendo fundamental o incentivo a publicações, exposições e divulgação desse material, pois, como destaca Levi-Strauss:

“Esperemos, pelo menos, que esta lição, aprendida a duras penas, não esteja perdida para outros. Salvar seu passado é uma responsabilidade inerente a cada povo, não somente para consigo mesmo, mas com a humanidade inteira. Nenhum povo pode deixá-lo perecer antes de haver tomado consciência, inteiramente, de sua

originalidade e de seu valor, e antes de tê-lo memorizado. Isto é, uma verdade geral, porém mais ainda no caso desses povos que se encontram na situação privilegiada de viver seu passado no momento exato em que, para eles, um futuro diferente se delinea”. (LEVI-STRAUSS, 1976:63 apud RIBEIRO, Berta G., 1989:10-11)

Em oposição a uma história recorrente que se apoiava em fatos, grandes nomes e heróis, o historiador Marc Bloch inaugurou uma noção de “história problema”, que não deveria mais ser entendida como ciência do passado, pois seria crucial um jogo entre a importância do presente para a compreensão do passado e vice-versa, onde temas daquele condicionam e delimitam a volta ao passado. Marc Bloch não relegava a História a alcunha da ciência dos homens também, e sim, a ciência dos homens no tempo, pois cada época indica novos temas que remetem mais a inquietações atuais do que a tempos memoráveis.

A questão da análise dos documentos também era discutida por este historiador francês. Para ele, documentos eram vestígios e que não falam senão quando o historiador o sabe interrogar, ou seja, a pergunta feita por este profissional condiciona toda uma análise. De fato, a relação do historiador com seu objeto de trabalho mudou, principalmente com o advento da Nova História, que combateu uma história narrativa do acontecimento para dar importância a uma produção voltada para todas as atividades humanas e não só para a dimensão política, logo, essa História proposta necessita de um diálogo com as demais Ciências Humanas, e trabalhos como de Vidal de la Blache (geografia), de Lucien Levy-Bruhl (neutralidade primitiva), de Antoine Meillet (lingüística) e de Durkheim (representações coletivas) representaram influências ao trabalho da revista dos *Annales*.

A região da Serra do Cabral, Minas Gerais, foi prospectada pela primeira vez em 1972, quando as atividades do PROPEVALE atingiram o médio vale do São Francisco, tendo sido pesquisados os Municípios de Lassance e Joaquim Felício, localizando-se três sítios¹. O Município de Joaquim Felício foi novamente visitado em 1974, localizando-se um quarto sítio. Em 1983, retornou-se a região, desta feita ao Município de Buenópolis, tendo sido registrados oito sítios. A partir de então, percebendo a potencialidade da região, foi flagrante a necessidade de se desenvolver um projeto específico de pesquisa, que se materializou a partir de 1990 através do Projeto de Pesquisas Arqueológicas Serra do Cabral, sob coordenação geral de Paulo Seda, através de financiamento, a princípio, da FBB - Fundação Banco do Brasil e, posteriormente, também do CNPq - Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico e da Smithsonian Institution, de Washington, D.C.

Um dos principais objetivos passou a ser a localização de sítios de acampamento e/ou habitação, dos grupos que ocuparam a Serra, a fim de contextualizar a arte rupestre, o que não é tarefa fácil na Arqueologia Brasileira. Previsto inicialmente para cinco anos, os trabalhos estenderam-se e concentraram-se em uma primeira etapa na chapada do Município de Buenópolis (vertente oriental), localizando-se 58 sítios arqueológicos e onde a partir de 1991 foi escavada a LAPA PINTADA III (Fase I do Projeto). Entre 1999 e 2002 escavou-se um segundo sítio na região, a LAPA DA DANÇA (Fase II do Projeto) e realizou-

se rápido trabalho na área centro-norte do Projeto (Município de Joaquim Felício), localizando-se mais 5 sítios.

Desde então, foram realizadas oito etapas de campo (julho e novembro de 1990, julho de 1991, 92, 93, 94, 96, 99, 2000, 2002, julho-agosto de 2006 e fevereiro-março de 2007), tendo, inicialmente, o Município de Buenópolis como *área core* e atualmente, a propriedade da SCAI – Serra do Cabral Agro-Indústria S/A (com base no Município de Várzea da Palma) elevando-se para 87 o número de sítios ali localizados.

O pretendido com o citado Projeto era uma prospecção mais ampla e aprofundada, buscando a localização, preferencialmente, dos locais de ocupação mais permanente dos grupos que viveram na região, seja no alto da Serra, seja na encosta ou no sopé. Evidentemente, tratava-se de um Projeto ambicioso e que somente poderia ser executado em longo prazo, tornando-se difícil até mesmo prever seu término. Desta forma, em uma primeira etapa, foram realizadas prospecções nos diversos abrigos e grutas localizados, procedendo-se à documentação de arte rupestre, abertura de corte-testes, quando procedente, levantamento de dados acerca do meio ambiente e registro da cultura material moderna presente em tais abrigos. A partir de julho de 2006, iniciou-se a pesquisa da outra vertente (ocidental) da Serra.

Se a vertente oriental da Serra (chapada de Buenópolis) pode ser considerada satisfatoriamente pesquisada e conhecida, o mesmo não pode ser observado para a vertente ocidental, apesar de algumas incursões terem atingido esta vertente a partir de Buenópolis (região do Tanque, da serra do Nego e do Corredor) e de Joaquim Felício (região do Morro do Chapéu). Contudo, uma pesquisa sistemática desta porção da Serra do Cabral fazia-se necessária. A oportunidade para isto surgiu a partir de convite da empresa para a apresentação de uma proposta de pesquisas em suas propriedades, que englobam justamente boa parte da vertente ocidental da Serra (áreas dos Municípios de Augusto de Lima, Lassance, Várzea da Palma e Francisco Dumont).

Desta forma, além da continuidade dos trabalhos de laboratório relativo aos materiais recolhidos durante as Fases I e II, a partir de julho-agosto/2006 iniciou-se uma nova etapa de campo, na vertente ocidental, onde além de seis sítios arqueológicos já conhecidos pela SCAI, localizamos mais três. Em fevereiro-março do presente ano, ocorreu já a segunda etapa de campo localizando-se, desta feita, quinze novos sítios arqueológicos.

Prevista, inicialmente, para dois anos, esta Fase III enfocará neste período, fundamentalmente, as prospecções. Ao final de dois anos uma avaliação indicará os novos rumos do Projeto e deverá ser apresentada uma proposta de publicação referente aos dois primeiros anos de pesquisas.

A região da Serra do Cabral localiza-se no médio vale sanfranciscano, entre as bacias dos rios das Velhas e Jequitaiá, dos quais é divisor de águas. A Serra por sua vez, insere-se no “complexo” do Espinhaço que atua como divisor entre as Bacias do São Francisco e as dos rios que correm diretamente para o Atlântico.

O acesso à região, pela vertente oriental, é, por vezes, bastante difícil, em sua maior parte sendo realizado por estradas somente transitáveis por veículos com

tração ou a cavalo. Na vertente ocidental é bem mais fácil, sendo feito por estradas de boas condições.

Quanto à cobertura vegetal da região, nota-se a presença dos cerrados (predominando nas encostas), dos cerradões (sobretudo nas áreas mais baixas e onde ocorrem solos mais irrigados e mais ricos em sais minerais) e os campos limpos, que são predominantes e recobrem a região nas altitudes superiores a 900-1000m. Ocorrem ainda, ocasionalmente, as matas ciliares e a vegetação peculiar às terras baixas e alagadiças, onde predominam as palmáceas. Desta forma, a Serra deve ser compreendida como possuidora de nichos ecológicos diversificados, devido, sobretudo à altitude (oscilando nos 1.000m) e a impressionante irrigação local, que amenizam o clima.

Tal diversidade de nichos ecológicos implica em diversidade de recursos, o que se reflete, sobretudo, no seu reconhecimento, ainda hoje, como rica em fauna². As emas, seriemas, codornas, cervídeos, mocós, cachorros-do-mato, tius, gambás, tatus, etc., ainda são comuns, embora os rios sejam considerados poucos piscosos. Sítiantes mais antigos falam mesmo em antas, caititus e onças habitando o local. A região deveria oferecer assim, aos grupos pré-históricos, excelentes condições de subsistência e, devido à diversidade de nichos, recursos durante todo o ano.

Contudo, se a região é rica em fauna, o seu solo não é considerado bom para a agricultura, o que de certa forma pode explicar a inexistência de uma ocupação efetiva, ainda hoje, no local. As atividades econômicas desenvolvidas na vertente oriental são pouco consistentes, como a coleta de flores secas, a garimpagem de cristal de quartzo e a própria caça. Além disto, a Serra costuma ser utilizada como área de internada para o gado, pois ali a seca, quando chega, é de forma bem atenuada. Na vertente ocidental, uma atividade particularmente importante é o plantio de *Pinus sp*, iniciado na década de 70 e que recobre parte desta vertente.

Os trabalhos já realizados na Serra do Cabral revelaram possuir a região um considerável potencial, sobretudo, no que diz respeito à arte rupestre. A Serra chama atenção pela ocorrência de inúmeras pinturas, destacando-se, visualmente, zoomorfos de grande tamanho e detalhamento.

Durante as pesquisas de 1983, foi possível, através da consulta a moradores da região, a identificação da maior parte da fauna representada na arte rupestre, o que permitiu a organização em grupos taxonômicos da maioria dos zoomorfos. Esta identificação é por vezes tão precisa que permite, em alguns casos, a determinação do sexo e da idade do animal representado. Por outro lado, as prospecções não haviam revelado, até o início do Projeto, qualquer sítio, que indicasse uma ocupação mais permanente: apenas os sítios Lapa do Nego II, Pintada III e Pedras Altas (este em Joaquim Felício) apresentaram, além de pinturas, material cerâmico (o primeiro e o último) e lítico (todos os três), porém de forma superficial.

De uma maneira geral os sítios localizados são abrigos, e o quartzito é a rocha-base de todos os sítios. Todos são de fácil acesso, estão próximos a fontes de água (no máximo 1 km) e possuem pinturas rupestres.

No que diz respeito à conservação, alguns sítios encontram-se bastante danificados pela sua utilização por garimpeiros de cristal, coletores de flores secas e caçadores.

Todos os sítios apresentam pinturas semelhantes, podendo-se perceber pelo menos três momentos diferentes para a execução das pinturas (percebidos através da análise dos esfoliamentos e das superposições). Ao momento mais antigo correspondem, sobretudo, os zoomorfos lineares com preenchimento por traços e que parecem eclipsar as demais. Ao segundo, associam-se figuras menores, pouco elaboradas, com pouca noção de movimento e executadas, principalmente, em silhueta. Percebe-se também neste segundo momento, uma diminuição na ocorrência dos zoomorfos (embora ainda predominem), enquanto aumenta a frequência das não figurativas. Quanto ao tratamento, as figuras esquemáticas têm um significativo aumento no segundo momento. O terceiro, sobre o qual havia dúvidas e as pesquisas o esclareceram e caracterizaram, é marcado por conjuntos de pontos que, normalmente, são contornados por um traço.

A partir desta realidade, o Projeto foi montando objetivando o aprofundamento destes dados e a tentativa de localização dos sítios de acampamento e/ou habitação. Desta forma, adotamos como estratégia uma prospecção em larga escala, porém não descartando a possibilidade de abordagens mais intensivas sempre que possível ou os sítios exigissem.

Os seis sítios arqueológicos conhecidos pela empresa e trabalhados em meados de 2006 são: Lapa do Chapéu IV, Lapa do Corredor do Centro, Lapa do Guará III, Lapa da Cabeceira do Guará, Lapa do Boqueirão Cara Fechada e Lapa da Pedreira de Santo Antônio. Durante a pesquisa, foram localizados outros três sítios: Lapa da Matinha, Lapa Nova do Guará e Lapa do Pote. Todos os sítios foram registrados em ficha do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico (IPHAN), assim como o registro na ficha de arte rupestre.

Quanto à arte rupestre, em uma primeira análise, pôde-se verificar a predominância de zoomorfos e antropomorfos, nas cores vermelha e amarela, que parecem se enquadrar nos postulados da Tradição Planalto, que foi proposta por André Prous e caracteriza-se exatamente pelo predomínio visual e quantitativo de zoomorfos, em especial o cervídeo e o peixe, e uma quantidade variável de sinais feitos com linhas e pontos. Ainda segundo André Prous, o cervídeo e o peixe parecem tanto associados que o peixe pode até estar no lugar das patas do cervídeo, o que, entre outras coisas caracterizaria o estilo Cabral desta Tradição, porém só foi localizada uma representação deste tipo, sendo difícil estabelecer uma única representação para caracterizar um estilo.

O sítio lapa do chapéu IV, também, apresenta uma figura que se difere das que mais se encontram na região, um painel que se enquadra numa outra Tradição denominada São Francisco, o que pode nos levar a uma hipótese de a Serra do Cabral representar um elemento de transição entre a Tradição São Francisco e a Planalto. Outra peculiaridade da vertente ocidental são as figuras em seqüência.

Nos sítios Lapa do Guará III, Lapa do Pote e Lapa do Corredor do Centro foi realizada, também, uma coleta de material de superfície, a saber, olítico representado por alguns instrumentos em plaqueta e lascas de quartzito, além de

cerâmica, com alguns poucos cacos na Lapa do Corredor do Centro e cacos grandes, possivelmente de uma única peça- um vaso- na Lapa do Pote. Na Lapa do Guará III, foi realizado um corte-teste de 0,50 x 0,50, revelando, no entanto, material lítico até apenas vinte centímetros de profundidade. Todo o material recolhido está em análise no laboratório do Instituto de Arqueologia.

Já a segunda etapa, ocorrida em inícios deste ano, duas atividades eram prioridades, o decalque das pinturas do sítio Lapa do Chapéu IV, que foi realizado e o decalque e o registro da ficha de arte rupestre do sítio Lapa da Matinha³, atividade que, mais uma vez, teve que ser adiada, em função da quantidade de sítios e pinturas novas descobertas, que levou, inclusive, ao esgotamento do nosso estoque de plástico para decalque (foi preciso adquirir nova quantidade de plástico duas vezes na região).

Nesta segunda etapa de campo, foram localizados quinze novos sítios, a saber: Lapa do Buriti da Raiz, Lapa da Pedra de Amolar I, Lapa da Pedra de Amolar II, Lapa da Pedra de Amolar III, Lapa da Pedra Lascada I, Lapa da Pedra Lascada II, Lapa do Cem, Lapa do Meio, Lapa do Fim, Lapa do Tiu, Lapa do Ildo, Lapa do Veado, Lapa do Lagoão, Lapa da Arapuá e Lapa do Peixe Grande. Todos foram registrados nas fichas de IPHAN e de arte rupestre, além da realização de fotos, croquis e planta baixa dos sítios. Apenas os sítios Lapa da Pedra de Amolar III, Lapa da Arapuá e Lapa do Peixe Grande não foram nem fichados nem decalcados, ficando como prioridade para próxima etapa. Foram, ainda, registradas algumas ocorrências de pinturas rupestres em locais, como Novo Chapéu, córrego do Hospital I, Hospital II, Barro Branco, Lapa do Tanque e Serra do Zuba, não trabalhadas pela pouca expressividade ou por falta de tempo e que deverão ser avaliadas para saber se serão ou não registradas.

Na Lapa da Pedra de Amolar I, no Bloco I, há uma pequena gruta onde foram encontrados artefatos na superfície, sendo assim foi realizado um corte-teste de 50cmx50cm, revelando material lítico até 35cm de profundidade: chopper (superfície), lascas de quartzito, sílex, quartzo e seixo, é possível que ela venha a ser escavada. No sítio Lapa do Ildo, foram encontrados cacos grandes de cerâmica na superfície.

Em ambas as etapas, a equipe observou tanto uma interferência antrópica como por intempéries nos sítios, deixando muitas pinturas com péssima visualização ou já quase se apagando. Faz-se importante observar que alguns sítios arqueológicos foram ocupados por garimpeiros de cristal quartzo (problema já detectado na outra vertente), o que prejudicou bastante sua conservação, principalmente, a Lapa da Pedreira de Santo Antônio, que está situado dentro da área de um antigo garimpo, já abandonado, sendo que o garimpo atingiu a própria lapa, que teve seu solo revirado. Também, por esta razão, algumas pinturas encontravam-se pichadas, e a equipe teve de realizar um trabalho de limpeza (naquelas em que se utilizou carvão para a pichação). Neste sentido, discutem-se diversas formas de preservação, como o registro do IPHAN, a documentação dos sítios e o trabalho de educação patrimonial para estes locais. Também, foi observado que a grande maioria desses abrigos não foi utilizada como área de habitação, porém somente para a pintura rupestre. Assim, a contextualização das pinturas com o seu painel e outros da área é primordial, já que a análise de uma

só figura não é suficiente para o fornecimento de informações. Diante disto também, a existência na região de inúmeros sítios exclusivamente com arte rupestre, nos permite admitir a possibilidade de uma finalidade cerimonial para os mesmos. Deve ficar claro, também, que este tipo de interpretação não elimina o caráter de comunicação entre as mensagens das suas pinturas. Podemos afirmar que as pinturas integrariam um sistema simbólico organizado, embora este ainda nos escape em que as representações de animais tinham relevância e cujo encadeamento implica em uma estrutura de pensamento bastante complexa, onde os cervídeos, ao que parece, teriam um lugar de destaque.

A interpretação da pintura rupestre é uma atividade complicada, pois se baseia em nosso universo, se tornando uma especulação. Nesse sentido, em nosso trabalho, buscamos o significado e a função de alguma coisa, em um dado momento e local, no sentido de classificá-lo e não interpretá-lo. Existe a possibilidade de não compreendermos seu sentido exato, mas seu estudo ajuda a compreender o comportamento humano, no momento em que a comparação não se centre no entendimento dos significados, e sim com o intuito de organização da mensagem. Pois como denota Paulo Seda:

“... A arte rupestre é um mistério, é fascínio, ela fala do ‘invisível’ e do ‘desconhecido’. Diante disso é difícil segurar-se a imaginação e deixar de propor as mais diferentes interpretações. Muitas vezes, estas interpretações nascem de visões extremamente etnocêntricas, que não admitem no homem pré-histórico a capacidade de criar tais obras. Daí, hipóteses fantásticas e altamente fantasiosas, que ligam os desenhos a, por exemplo, ‘seres extraterrestres’”. (SEDA, 1997:157)

Para o trabalho de um arqueólogo, o importante é o resgate do estudo da arte rupestre, para que ele possa contribuir para reconstituição da vida e do passado arqueológico e pré-histórico, assim como para o sentido geral da evolução humana. E o objetivo do estudo é compreender até que ponto a arte rupestre pode contribuir para o conhecimento das sociedades indígenas antigas, assim podendo afastar idéias pré-concebidas em relação a elas.

O objetivo inicial do Projeto era a localização dos sítios de acampamento e/ou habitação dos grupos que ocuparam a Serra do Cabral. A escavação dos sítios Lapa Pintada III e da Dança, se não supriu totalmente está questão, trouxe aportes importantíssimos ao Projeto, pois revelou uma importante indústria lítica sobre plaquetas de quartzito e permitiu classificar estes sítios como oficina lítica. O objetivo então, em nova etapa, mais do que localizar sítios passou a ser entender a ocupação e, sobretudo, a aparente contradição entre instrumentos tão arcaicos (onde os plano-convexos, característicos das primeiras populações brasileiras, ocupam um lugar de destaque) e as datações obtidas, consideradas muito recentes para estes materiais (1.650+/-60 A.P.). Além disto, o estudo, caracterização e classificação da arte rupestre continua a ser um objetivo importante do Projeto, principalmente as representações de zoomorfos (domínio quantitativo e visual).

Com a extensão das pesquisas a vertente ocidental da Serra, uma nova frente, retornam, sem abandonarmos os demais, os objetivos de campo: o levantamento, diagnose, prospecção e estudo arqueológico desta nova área.

Notas

* Aluna da graduação de História da UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (PIBIC-UERJ)

1. O Programa de Pesquisas no Vale do São Francisco (PROPEVALE), desenvolvido pelo IAB sob coordenação geral do Dr. Ondemar Dias, pretendeu, inicialmente, o levantamento do maior número possível de dados, através da abordagem extensiva de amplas áreas. Os resultados desta etapa inicial já foram, divulgados (DIAS Jr., 1975; DIAS Jr., CARVALHO e CHEUICHE, 1976 a e b; CARVALHO e CHEUICHE, 1975 e 1976).
2. Segundo informações locais, os clubes de caçadores de Belo Horizonte costumavam realizar verdadeiros “safáris” na região até a década de 60.
3. Deve-se ressaltar que o sítio Lapa da Matinha é o mais distante do alojamento: cerca de 2h de carro até o pé da “serra” Grande e, daí, pelo mais 1h de caminhada subindo a serra.

Referências bibliográficas:

- ABREU, Capistrano. O descobrimento do Brasil no século XVI. Monografia para concurso de professor do Colégio Pedro II. Rio de Janeiro: Tipografia de G. Leuzinger e Filhos, 1883.
- BLOCH, Marc. Apologia da História ou O Ofício do Historiador. RJ: Jorge Zahar, 2001.
- BRÈZILLON, M. La dénomination des objets de pierre taillée, matériaux pour un vocabulaire des préhistoriens de langue française. Paris: Centro National de la Recherche Scientifique, 1977. IV Supplement à Gallia Préhistorié.
- CARVALHO, Eliana e CHEUICHE, Lilia. **Pesquisas arqueológicas na região do médio São Francisco**. Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira. Rio de Janeiro: IAB, Série Especial, 1975, nº7: 21-53.
- CARVALHO, Eliana e CHEUICHE, Lilia. **Arte rupestre das cavernas e abrigos da região norte mineira**. Espeleologia. Ouro Preto: Universidade Federal de Ouro Preto, 1976, nº10, pág. 199-209.
- CARVALHO, Eliana e SEDA, Paulo. **Os sítios com sinalações pesquisados pelo IAB: um guia para cadastramento**. Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira. Rio de Janeiro: IAB, 1982, nº9, pág. 23-67.
- CUNHA, M. (org.) História dos índios no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras/SMCSP, 1992. pág. 413-30.
- DERBY, Orville. **O roteiro de uma das primeiras bandeiras paulistas**. Revista do Instituto Histórico de São Paulo. S. Paulo: IHSP, Tomo IV (1898/1899), 1899.
- DIAS Jr., Ondemar. **Pesquisas arqueológicas no Sudeste Brasileiro**. Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira. Rio de Janeiro: IAB, Série Especial, 2: 3-22, 1975.
- DIAS Jr., O.; CARVALHO, E. e CHEUICHE, L. **Pesquisas arqueológicas em Minas Gerais (Brasil): o PROPEVALE (Programa de Pesquisas Arqueológicas no Vale do São Francisco)**. Actes de XLII Congrès International des Americanistes. Paris: Fondation Polignac, 1976a, v.IX-A, pág. 13-34.

DIAS Jr., O.; CARVALHO, E. e CHEUICHE, L. **A arte rupestre do vale do São Francisco em Minas Gerais**. Actes de XLII Congrès International des Americanistes. Paris: Fondation Polignac, 1976b, v.IX-B, pág. 301-312.

JENKINS, Keith. A História Repensada. SP: Contexto, 2004.

LAMING-EMPERAIRE, Annette. Guia para o estudo das indústrias líticas da América do Sul. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1967.

MANSUR-FRANCHOMME, Maria Estela. **Instrumentos líticos, aspectos da análise funcional**. Arquivos do Museu de História Natural. Belo Horizonte: UFMG, 1986/1990, v. 11, pág. 115-169.

MORAIS, José Luis de. **A propósito do estudo das indústrias líticas**. Revista do Museu Paulista. São Paulo: USP, 1987, v. 32, p. 155-184.

PESEZ, Jean-Marie. **História da Cultura Material** IN LE GOFF, Jacques. A História Nova. SP: Martins Fontes, 2005.

PROUS, André, LANNA, Ana Lúcia Duarte e DE PAULA, Fabiano Lopes. **Estilística e Cronologia na Arte Rupestre de Minas Gerais**. Pesquisas, Estudos de Arqueologia e Pré-história Brasileira. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 1980, nº 31, pág.121-146.

RIBEIRO, Berta G. Arte Indígena, Linguagem Visual. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: EDUSP, 1989.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. **O Patrimônio Arqueológico Brasileiro**. Revista de Arqueologia. RJ: Sociedade de Arqueologia Brasileira, 1988, pág. 11-18.

SEDA, Paulo Roberto Gomes. **Arte Rupestre Brasileira**. Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira. RJ: IAB, 1987, Série Catálogos, pág 32-35.

_____. **A Caça e a Arte: Os Caçadores-Pintores da Serra do Cabral, Minas Gerais**. Tese de Doutorado em História Social. Rio de Janeiro:IFCS, UFRJ, 1998.

_____. **A questão das interpretações em arte rupestre no Brasil** IN Clio-Revista do Programa de pós graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco- Série Arqueológica nº 12. Recife: UFPE, 1997.

Abstract:

Marc Bloch, in “**The Historian’s craft**”, reflects the position of History as a game in which themes of the present are a condition and a limit for a return to the past. That same critical view was directed to the analysis of documents which no longer provided facts by themselves. Bloch understood it as a vestige conditioned accordingly to the propositions of men’s analysis. In this sense, it becomes crucial that an interchange between Archeology and History takes place, in a fundamental effort to comprehend ancient indigenous societies commonly set to the margins of traditional historiography. This work strives to identify the importance of rock arts for the comprehension of human behavior, not as a comparison to extract meanings rather as an organization of its messages.

Key Words: Rock Art, Archeology, Serra do Cabral.